

Do não-saber à inspiração

José Feres Sabino

Universidade de São Paulo (USP)

Talvez a mais famosa e não menos verdadeira divisa associada à figura do filósofo Sócrates é a confissão de que nada sabe. No diálogo platônico "Teeteto", Sócrates explica sua atividade ao jovem amigo, que dá nome ao diálogo, dizendo que é

igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria. E a razão é a seguinte: a divindade me incita a partejar os outros, porém me impede de conceber. Por isso mesmo, não sou sábio... (PLATÃO, 1988, 150 b-c)

Sócrates, nesse trecho, apresenta-se como aquele que não sabe, que interroga os outros, que parteja os outros. Interposto entre os sábios e os ignorantes, o filósofo, consciente de seu não-saber, atravessa as cidades desafiando os sábios, notadamente os sofistas, a fim de interrogá-los e, dialogando com a pretensa sabedoria deles, revelar que também não podem estar tão seguros assim da posse dela.

Um desses diálogos, "Íon", se dá entre Sócrates e o rapsodo Íon — que se gaba de ser o melhor intérprete da poesia de Homero — sobre a natureza da inspiração poética.

Durante a discussão, Sócrates leva Íon a perceber que o poeta (tradicional detentor da sabedoria na antiguidade) não é dotado de saber algum,

é coisa leve, e alada, e sagrada, e não pode poetar até que se torne inspirado e fora de si, e a razão não esteja mais presente nele. Até conquistar tal coisa, todo homem é incapaz de poetar [...]. (PLATÃO, 2005, 534)

Alocado entre os homens e os deuses, o poeta se torna um instrumento nas mãos destes.

Platão, nos diálogos citados, coloca lado a lado filósofo e poeta, porque ambos, para atuarem segundo sua respectiva natureza, precisam ser dotados de um não-saber.

Em 1996, a poeta Wislawa Szymborska, ao proferir seu discurso de agradecimento ao Nobel de Literatura, retoma indiretamente, porque não cita o filósofo, essa postura do "não-saber". Seu discurso inteiro está assentado sobre uma única e pequena frase: "não sei", à qual ela dá tanto valor, pois crê que com ela é possível ampliar "nossas vidas, abarcando não só espaços em nosso interior, como também as vastidões exteriores em que nossa minúscula Terra paira suspensa" (Szymborska, 2012). E ela continua seu discurso afirmando que poetas "se são genuínos, devem continuar repetindo 'não sei'". Mas, salienta ela, essa frase também acompanha os cientistas que forjaram e forjam nossa imagem do mundo. "Se Isaac Newton", afirma Szymborska no mesmo discurso, "nunca tivesse dito a si mesmo 'não sei', as maçãs do seu pequeno pomar teriam caído no chão como granizo, e, na melhor das hipóteses, ele teria parado para pegá-las e devorá-las com deleite" (SZYMBORSKA, 2012).

O "não sei", no entanto, não deve ser lido apenas como impulso da curiosidade humana para buscar os conhecimentos necessários à conservação da vida, impedindo assim que o homem se prenda a saberes necrosados e às certezas que o levam a coagir outros homens, mas também como abertura e manutenção do salutar espaço da ignorância em que o poeta pode acolher tudo o que existe sob o apreço do singular. Esse espaço é o recinto da inspiração que, segundo ela, não é exclusividade de poetas, mas próprio de qualquer pessoa cujo ofício seja realizado com "amor e imaginação".

A pequena frase "não sei" aproxima a poeta polonesa da poesia de Alberto Caeiro (*O Guardador de Rebanhos, O Pastor Amoroso e Poemas Inconjuntos*), mestre dos heterônimos de Fernando Pessoa. Ao prefaciá-lo, outro heterônimo, Ricardo Reis, escreve que, ignorante "da vida e quase ignorante das letras, quase sem convívio nem cultura, fez Caeiro a sua obra por um progresso imperceptível e profundo"

(REIS, 2005, p. 12) e repugnou tanto a religião quanto a metafísica. Os versos do guardador de rebanhos martelam que pensar "é estar doente dos olhos":

*O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.*

*Que ideia tenho eu das cousas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas). (CAEIRO, 2005a, p. 23)*

"Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...", diz outro verso. Ao raspar a tinta da abstração com que pintaram os sentidos do homem, o poeta Caeiro não quis apenas tirar o homem da exacerbação do intelecto, do quarto das ideias, para reinseri-lo no âmbito das meras sensações, mas ir além dessa dicotomia simplista. Retirou a certeza dada por qualquer conformação de conhecimento para poder ver a espantosa realidade das coisas.

O pensamento, que a tradição filosófica consagrou como representação, fundamentação e conhecimento do real, é atingido em cheio pelos versos de Caeiro e de Szymborska. A metafísica, essa doença da qual o poeta português tentou curar o homem, desemboca na poesia de Szymborska como pornografia do pensamento, que, além de encerrar o homem no quarto da abstração, o faz praticante do jogo incestuoso do intelecto, cujo único propósito é escrutinar, analisar e sintetizar tudo o que existe. No poema "Opinião sobre a pornografia", lemos:

*Não há devassidão maior que o pensamento.
Essa diabrura proliífera como erva daninha
num canteiro demarcado para margaridas.
Para aqueles que pensam nada é sagrado.
[...]
Só de vez em quando alguém se levanta.*

*se aproxima da janela
e pela fresta da cortina
espia a rua. (SZYMBORSKA, 2011, p. 85-86)*

A verdadeira pornografia não é aquela comumente conhecida por devassar a intimidade corporal, mas a produzida pelo pensamento que não respeita nenhum limite e traz à luz da razão tudo o que existe. (O sexo explícito não seria a busca desesperada e necessária pela realidade das coisas, perdida pelo excesso de jogos da racionalidade?)

Por detrás da pornográfica metafísica encontra-se a ânsia de explicação ilimitada que a raça humana, desde suas origens greco-judaicas, carrega e que, na modernidade, recebe o nome, para usar a denominação de Goethe sobre nossa tragédia, de "atitude faústica diante da vida". Na poesia de Caetano, até mesmo o uso intelectual da linguagem – interpretação, metáfora, analogias – deve ser abandonado:

*Ah, não comparemos coisa nenhuma; olhemos.
Deixemos analogias, metáforas símiles.
Comparar uma coisa com outra é esquecer essa coisa. (CAETANO,
2005b, p. 130)*

*Para mim, graças a ter olhos só para ver,
Eu vejo ausência de significação em todas as coisas;
Vejo-o e amo-me, porque ser uma coisa é não significar nada.
Ser uma coisa é não ser susceptível de interpretação. (CAETANO,
2005b, p. 135)*

Em Szymborska, a maneira encontrada para não permitir que o homem se afaste da realidade é desdenhar com humor e ironia a arrogância humana:

*Anseios de felicidade
anseios de verdade
anseios de eternidade,
olhem só!
(Poema "Muito divertido"; SZYMBORSKA, 2011, p. 40).*

[...]
que mãos hábeis, que boca eloquente,
quanta cabeça nos ombros –
[...]
quanta responsabilidade no lugar de um rabo –
(Poema "Esqueleto de dinossauro"; SZYMBORSKA, 2011, p. 43).

Se o horizonte de combate assemelha as posições de Caeiro e de Szymborska, basta um olhar ao estatuto da natureza na poética de cada um para encontrarmos as diferenças. Certa vez, ele afirmou numa "entrevista":

Sou mesmo o primeiro poeta que se lembrou de que a Natureza existe. Os outros poetas têm cantado a Natureza subordinando-a a eles, como se eles fossem Deus; eu canto a Natureza subordinando-me a ela, porque nada me indica que eu sou superior a ela, visto que ela me inclui, que eu nasço dela... (CAEIRO, 2005c, p. 178-180)

Diferentemente da poesia de Caeiro, em que é patente a superioridade da natureza, nos versos da poeta polonesa, embora revelem a permanência do extrato biológico no homem, que ao sair da natureza carrega consigo um invariante que assinala o humano para além das diferenças culturais ("O corpo sente dor,/necessita comer, respirar e dormir,/tem pele tenra e logo abaixo sangue,/tem uma boa reserva de unhas e dentes,/ossos frágeis, juntas alongáveis" [Poema "Torturas"; SZYMBORSKA, 2011, p. 79]), a natureza não acolhe o homem e tampouco está dominada pelo homem. O que se revela nos poemas de Szymborska é a indiferença da natureza em relação ao bicho homem: as nuvens também flutuam sem esforço sobre os fatos, sem a obrigação "de conosco findar./Não precisam ser vistas para navegar" (Poema "Nuvens"; SZYMBORSKA, 2011, p. 104), o que acaba por aumentar a estranheza do modo de ser do homem na Terra em meio às outras formas de vida.

No poema "Conversa com a pedra", o homem bate à porta da pedra, querendo entrar nela, mas a pedra sempre lhe dá uma resposta negativa. Numa das vezes, a pedra diz:

*Te falta o sentido da participação.
Nenhum sentido te substitui o sentido da participação.
Mesmo a vista aguçada até a onividência*

*de nada te adianta sem o sentido da participação.
Não vais entrar, mal tens ideia desse sentido,
mal tens o seu germe, a sua concepção.* (SZYMBORSKA, 2011, p. 35)

Se em Caieiro o homem encontra na natureza sua plenitude porque a ama, o tempo é um mero compasso da natureza; em Szymborska, no entanto, o tempo é um senhor que confecciona todas as formas de presença, incidindo de modo completamente diferente nas coisas da natureza e no homem. O tempo, "tão generoso para qualquer estrela no céu,/ estendia-lhes a mão quase vazia/ e a retirava rápido, como se tivesse pena" (Poema "A curta vida de nossos antepassados"; SZYMBORSKA, 2011, p. 71).

O tempo traz para o homem uma notícia urgente: você é mortal. E é a mortalidade que funda a relação do homem tanto consigo, e com os seres naturais, quanto com a própria temporalidade:

*Pouco tempo tenho para isso tudo.
Minha mortalidade devia te comover
[...].*
(Poema "Conversa com a pedra"; SZYMBORSKA, 2011, p. 33)

*A vida dura o tempo de umas marcas de garra na areia.
(Poema "Um grande número"; SZYMBORSKA, 2011, p. 52)*

Por ser destinatário consciente da temporalidade instantânea, o homem habita um lugar paradoxal: sai da natureza, mas não pertence completamente a ela, está vivo, mas constantemente ameaçado pela morte. Ao poeta cabe então, com sua mão mortal, escrever a "palavra nada" e criar "algo que não cabe em nenhum não ser". Quando o poeta reúne o paradoxo no poema, ele realiza sua capacidade única: preservar a vida.

Se o tempo nos dá uma existência paradoxal, a imaginação poética constrói um espaço condizente ao homem.

Num de seus ensaios, o também poeta polonês Czeslaw Milosz escreveu que "a imaginação só funciona espacialmente, sem espaço a imaginação é como uma criança que quer construir um palácio e não tem os tijolos" (MILOSZ, 2001, p. 320). E a imaginação sempre trabalha tijolo a tijolo, ou seja, ela se dirige ao singular, ao que está diante dela e deve ser apreciado enquanto tal. Em dois poemas, Szymborska nos faz perceber esse apreço:

*Quatro bilhões de pessoas nesta terra,
E minha imaginação é como era.
Não se dá bem com grandes números.
Continua a comovê-la o singular.*
(Poema "Um grande número"; SZYMBORSKA, 2011, p. 52)

*Prefero-me gostando das pessoas
do que amando a humanidade.*
(Poema "Possibilidades"; SZYMBORSKA, 2011, p. 87)

Também lemos, no poema "Vietnã", que uma mulher acoitada por um interrogatório (qual é o seu nome?, de onde vem?, por que está numa toca?, de que lado está na guerra?), sempre responde "não sei", mas quando lhe perguntam "Esses são teus filhos?", responde afirmativamente.

Dizer sim ao singular torna a tarefa dos poetas sempre árdua porque, na língua comum, tende-se a relegar tudo à crosta do geral, do comum e do trivial, mas, na língua e no âmbito da poesia, cada coisa, cada evento, cada existência é recebido e celebrado como único e irrepitível. E nesse ponto Szyborska e Caetano de novo se encontram. O único mistério admitido por ele, já que qualquer outro, assim como ter ideias, é uma forma de evadir o homem da realidade das coisas, é: "A Natureza é partes sem um todo" (CAEIRO, 2005a, p. 74).

"Não sei o papel que desempenho./Só sei que é meu, impermutável" (Poema "A vida na hora"; SZYMBORSKA, 2011, p. 63), diz um verso de Wislawa Szyborska. Mas os leitores sabem que a divisa "não sei" assegurou não só a abertura ao singular, mas também a inspiração para fazer do poema o equilíbrio necessário ao paradoxo que define a existência humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAEIRO, A. "O guardador de rebanhos". In: PESSOA, F. *Poesia completa de Alberto Caetano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a.
- _____. "Poemas Inconjuntos". In: PESSOA, F. *Poesia completa de Alberto Caetano*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005b.

_____. "Entrevista com Alberto Caeiro". In: PESSOA, F. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005c.

MILOSZ, C. "If only this could be said". In: *To Begin Where I Am*. Edited and with an introduction by Bogdana Carpenter and Madeline G. Levine. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2001.

PLATÃO. "Teeteto". In: *Teeteto-Crátilo*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988.

_____. "Íon (Sobre a inspiração poética)". *Sobre a inspiração poética (Íon) & Sobre a mentira (Hípias Menor)*. Introdução, tradução e notas de André Malta. Porto Alegre: L&PM, 2005.

REIS, R. "Prefácio de Ricardo Reis". In: PESSOA, F. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SZYMBORSKA, W. *Poemas*. Trad. Regina Przybycien. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Wisława Szymborska – Nobel Lecture: The Poet and the World*. Disponível em <<http://www.nobelprize.org>. Acesso em julho de 2012>.